

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

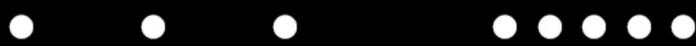
Transversalidades dissonantes

- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO 3
feminismos plurais,
PERFORMANCES
E PERFORMATIVIDADES





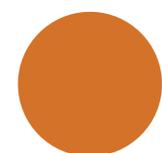
AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL: UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL

Ciane Fernandes (UFBA)¹

__RESUMO

Apresentação e discussão de algumas questões atuais, em especial aspectos subestimados e/ou omitidos com relação ao meio ambiente, inclusive vinculados a doenças e à pandemia, trazendo exemplos de como artistas da presença, vinculados à pós-graduação em artes cênicas, têm criticado e transgredido esteticamente tais condições com propostas ecocêntricas e anti-hegemônicas.

¹ Professora titular da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e uma das fundadoras do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA. Enfermeira e licenciada em artes visuais pela Universidade de Brasília, Ph.D. em Artes e Humanidades para Intérpretes das Artes Cênicas pela New York University, Analista de Movimento pelo Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies (New York), de onde é pesquisadora associada; fundadora e diretora do Coletivo A-FETO de Dança-Teatro da UFBA desde 1997.



__PALAVRAS CHAVE

Performance em campo expandido, pandemia, crise ambiental, Somática, Prática Artística como Pesquisa.

__ABSTRACT

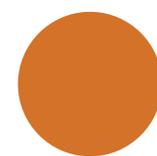
Presentation and discussion of some current questions, especially underestimated and/or omitted aspects in relation to the environment, including those connected to illnesses and the pandemics. The text brings some examples of how artists of presence, connected to performing arts graduate courses, have aesthetically criticized and transgressed such conditions with ecocentric and anti-hegemonic proposals.

__KEYWORDS

Performance in expanded field, pandemics, environmental crisis, Somatics, Artistic Practice as Research

Até o carnaval deste 2020, muitos de nós ainda fazia inúmeros planos de atividades mundo afora, ao longo das ruas, natureza adentro. Estávamos todas² muito abaladas

² Utilizo sempre que possível o artigo feminino para ressaltar a importância do feminino em todos os níveis, bem como designar múltiplas opções de gênero, em oposição ao uso normativo

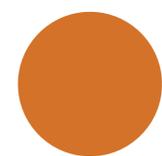


com o grande derramamento de petróleo ocorrido no segundo semestre de 2019. Mas a mídia e a população em geral logo se esqueceram disso, exceto, como sempre, os diretamente envolvidos, como pescadores e populações desprivilegiadas que vivem à beira-mar e mangues afetados, bem como ambientalistas e artistas que desenvolvem atividades em meio-ambiente, inclusive organizados na limpeza de várias praias até hoje (já que esse pesadelo não acabou).

Esse esquecimento, ou melhor, apagamento, também ocorreu com o “acidente” do rompimento da barragem em Mariana MG, que contaminou 55 milhões de m³ com rejeitos de metais pesados altamente tóxicos (como mercúrio, arsênio e urânio) cujos efeitos ambientais seguem se multiplicando, inclusive gerando doenças como abortos, câncer, entre outras. E apesar de mapeamentos detalhados já terem sido realizados por pesquisadores e suas equipes (PEREIRA, 2020), as demais empresas de usinas hidrelétricas deste país construídas com o mesmo risco, vulnerabilizando territórios de populações rurais, indígenas e/ou quilombolas, seguem sem fiscalização adequada.

Já a cidade de Santo Amaro, no recôncavo baiano, é famosa no mundo afora por ser o local de nascimento de Caetano Veloso e Maria Bethânia, mas o que não é

do masculino como dominante no plural da língua portuguesa.



divulgado é a calamidade pública ambiental da localidade. A contaminação irreversível por quantidades alarmantes de chumbo no Rio Subaé pela Companhia Brasileira de Chumbo (Cobrac) ainda é verificada no meio ambiente e em habitantes, mesmo após vinte anos de fechamento da fábrica, sem nenhum tipo de política pública de controle ou ajuda às populações atingidas.

Também a produção de amianto, proibida em 2017 (após um processo de décadas), foi retomada em fábrica de telhas em Goiás este ano (com respaldo de lei do estado de 2019), com o processamento de toneladas da fibra comprovadamente cancerígena mesmo para quem não trabalha diretamente com o mineral, já que sua poeira contamina o ar e a água, atingindo e se fixando em áreas e objetos próximos às fábricas, mesmo após décadas de contato com a fibra. Este inclusive é o caso da Mina de São Félix BA, fechada em 1968, mas que até hoje é associada ao altíssimo índice de câncer na cidade de Bom Jesus da Serra, mas sem reconhecimento oficial dos danos causados às inúmeras vítimas (BALDIOTI, 2018). Rejeitos de chumbo em Santo Amaro e de amianto em Bom Jesus da Serra foram usados indiscriminadamente para a construção de calçadas, rodovias e até mesmo muros da cidade, e pedras com os metais ainda são usadas em construções. E “não se esqueçam / Da rosa da rosa / Da



rosa de Hiroshima / A rosa hereditária” (MORAES, 1954), tão bem contextualizada por Christine Greiner em *Corpos em Crise* (2010, pp. 41, 45) em relação a questões de abuso de poder, biopolítica e genocídio.

Mesmo antes do Protocolo de Kyoto (1997), sabemos dos riscos irreversíveis da devastadora ação humana no planeta, desde a completa alteração, contaminação e destruição de habitats inteiros,³ gerando o extermínio de espécies e desequilíbrio climático e ambiental, até a “eliminação” – de fato, descarte – de resíduos nucleares ativos em solo profundo. Nosso país é um exemplo desta devastação, e tornou-se pauta global de meio ambiente por ser campeão mundial em desmatamento, destruindo parte do que é o segundo maior solo de vegetação do planeta e afetando irreversivelmente a água, o ar e a diversidade biológica, num (des)controle que se utiliza da pandemia como mais um modo de bloquear a fiscalização e mascarar a realidade. Aliás, enquanto escrevo este texto, o pantanal arde em chamas, com mais uma vez apenas alguns habitantes locais se esforçando para apagar um incêndio em larga escala de consequências imensuráveis que é de responsabilidade nacional.

Neste contexto de total desrespeito e descaso ambiental - de fato, de ecocídio -, onde apenas o lucro indiscriminado

³ Sabemos, por exemplo, que pelo menos um milhão de animais marinhos morrem por ano devido ao plástico nos oceanos, além da grande maioria já estar com microplástico em seu corpo.

é visado, somos acometidos por uma pandemia que destrói nossa liberdade de transitar e relacionar presencialmente, compreendendo presença aqui como uma abertura corporal, produção e troca de calor corporal (FISCHER-LICHTE, 2010) num dado *espaçotempo* multidimensional. Esta contaminação espacial exponencial e restritiva se sobrepõe a inúmeros quadros patológicos e suas sequelas irreparáveis no país que já existiam muito antes da pandemia, e que também padecem de extremo descaso e apagamento, a exemplo dos já mencionados acima, ou dos pelo menos 2.401 casos de microcefalia em recém-nascidos relacionados à infecção pelo vírus Zika nas mães durante a gestação, para citar o mínimo. Obviamente, esta sobreposição de complicações patogênicas afeta principalmente e mais uma vez os já desfavorecidos socialmente, como as pessoas com deficiência, que constituem 24% da população brasileira, cerca de 45 milhões de pessoas, as quais já vivem em quarentena muito antes da pandemia, devido à total falta de acessibilidade de todos os meios de vida e existência em nossa sociedade.

A situação atual não é apenas de uma crise generalizada provocada por um vilão invisível que, de repente, controla nossos modos de viver e conviver, algo fora de nosso controle ou alguma praga enviada por uma força do além. Sabemos perfeitamente que todos os patógenos com os



quais temos que lidar hoje não apenas surgiram, mas vêm se proliferando e tornando-se mais e mais resistentes devido a procedimentos inventados por nós mesmos, seres humanos ao longo dos séculos, à revelia de modos tradicionais e integrados (ambientais, coletivos e culturais) de vida, convivência e cura.

Inclusive, o vírus causador da atual pandemia é chamado de “novo coronavírus” porque já é o sétimo vírus conhecido desta mesma família, além de ser denominado de SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrom Coronavirus 2*), o que já indica que não é algo tão novo assim. Já em 2002, surgiu uma epidemia com alta taxa de mortalidade, causada por outro coronavírus, o SARS-CoV (também chamado de SARS-CoV-1). Negligências governamentais que só priorizam o extrativismo e o lucro indiscriminados não direcionaram nem apoiaram estudos suficientes a tempo de prevenir a situação atual ou ao menos de desenvolver medidas adequadas de controle destas viroses em tempo hábil. Já nos anos de 1980, a “AIDS criou a condição para um afinamento do contato físico e para o lançamento de plataformas de comunicação sem contato” (BERARDI, 2020, p. 53).⁴ Ou seja, só estamos seguindo o rumo previsível de catástrofes (e seus supostos “controles”) há muito anunciadas.

⁴ “El SIDA creó la condición para un adelgazamiento del contacto físico y para el lanzamiento de plataformas de comunicación sin contacto.”

A este percurso de “desenvolvimento”, adicionam-se os interesses de algumas indústrias bilionárias, como as já citadas acima, a dos agronegócios e a farmacêutica, esta última que vem subsidiando e ditando as prioridades da pesquisa em “saúde” (GØTZSCHE, 2016). Toda a mudança ambiental que temos gerado afeta não apenas o nível visível, mas igualmente o invisível dos ambientes, que incluem os corpos vivos e seus micro-organismos protetores e equilibradores (em termos da acidez, por exemplo). Além do aquecimento global, todo um conjunto de ações devastadoras compõe o quadro atual. Will Steffen, Johan Rockstrom et al (2018) apontam nove limites críticos rumo à extinção da vida no planeta, que eles visualizam a partir de 2030: a mudança climática, o uso de fertilizantes, a conversão de terras, a perda da biodiversidade, a poluição do ar, o esgotamento da camada de ozônio, a acidificação dos oceanos, a poluição química e as extrações de água doce.

Medidas sanitárias e profiláticas homogeneizantes e autoritárias durante a pandemia são apenas o cume de uma longa história de manipulação e coerção da vida, em especial da corporeidade em todas as suas manifestações mais genuínas. Por outro lado, medidas imprudentes de desrespeito a essas medidas em prol da manutenção de um sistema econômico injusto e perverso é a confirmação do



histórico de absoluto descaso à vida em seus modos mais éticos e de apoio afetivo do coletivo. Ou seja, estamos diante de uma situação dicotômica que nos joga uns contra os outros e, de fato, mascara a verdadeira pandemia existencial generalizada a que temos sido expostos ao longo de séculos. Como nos alertou Deborah Root, já no início dos anos 90:

A redenção não é a mesma coisa que a renovação e a recuperação. A única cura para a doença ocidental é parar de encarar a terra como se fosse o inimigo, e começar a tratar dela. Isto implica um modo diferente de olhar para a terra, o que por sua vez implica o desmembramento do colonialismo e a construção de relações diferentes entre as pessoas. (ROOT, 1993, p. 32)

Nesta perspectiva ampla e multifacetada, o novo coronavírus impõe uma verdade inescapável. A pandemia do covid-19 é tão amedrontadora não apenas por se tratar de um vírus altamente contagiante, mortífero e imprevisível em suas mutações genéticas ao longo dos deslocamentos transglobais, mas como uma ameaça real de extinção da raça humana e, de fato, um lembrete de que não somos tão poderosos quanto julgamos ser:

Nosso planeta tem quatro bilhões e meio de anos... os mais antigos traços de vida sobre a Terra ... indicam a presença



da vida há 3,7 bilhões de anos. ... Eis que cinco sextos da história da vida se desenrolaram antes que se tivesse notícia, mesmo vagamente, de uma forma de vida animal. ... É uma questão de critérios. Se valoriza a consciência, você faz do homem o senhor do mundo. Se você valoriza a longa duração e os grandes números, as bactérias nos dominam de modo incontestável. Entre os mamíferos as espécies mais prósperas atualmente são os antílopes, os ratos, os morcegos [de onde inclusive surgiu o vírus da atual pandemia] ... de um ponto de vista planetário as bactérias são mais importantes do que nós! ... Mas sei que temos mais chances de nos destruirmos a nós mesmos do que de desequilibrar o planeta. Do ponto de vista da Terra, já que as bactérias estão aí há 3,5 bilhões de anos, por que se preocupar com uma espécie bizarra que só está aí há 200 mil anos? (GOULD, 1999, pp. 38, 39, 40, 36, 37, 53)

Em uma crítica ao antropocentrismo, performances em campo expandido, a exemplo de ecoperformances,⁵ nas últimas décadas, vêm salientando a importância de todas as formas de vida e materialidades diversas do planeta, em abordagens ecocêntricas, somáticas e sensíveis de presença imersiva no ambiente, criticando e transgredindo modos extrativistas, consumistas e pré-estabelecidos (de fato, coercivos) de existir e interagir, bem como trazendo visibilidade à corporeidade em relação dinâmica com o/no ambiente vivo como modo de criar conhecimentos múltiplos e singulares. Como um grande campo expandido, o planeta terra e seus elementos estão em movimento constante, mesmo que nem sempre nos atentemos para isso:

⁵ Performances desenvolvidas em ambiente aberto, diretamente em contato com elementos da natureza e com temáticas ecocêntricas. Para mais informações, vide Elizabeth Isaacs Doud, 2018.



Na terra, tudo é movimento: os lentos deslocamentos dos continentes, as ligeiras correntes marinhas, os velozes ventos da atmosfera, a rapidíssima luz do sol. Fluxos que formam tudo o que existe em nosso planeta. Luz, ar, água e terra são como quatro oceanos que nos compõem e envolvem. Sua combinação dinâmica dá lugar às mudanças das estações do clima, o ritmo básico para a vida na Terra. (WURTZEL, 2015)

Isto é o que pudemos vivenciar na construção coletiva *COVID-A 100 mil segundos de dança pela vida*, criada a partir da proposição do grupo de Pesquisa Cosmover: Dança em Perspectivas Pluriepistêmicas do Departamento de Artes Cênicas da UFPB, coordenado por Carolina Laranjeira e Valéria Vicente. A obra duracional com cerca de trinta e duas horas ininterruptas, entre 16 e 17 de agosto de 2020, contou com a participação de mais de trinta integrantes, residentes em João Pessoa, Salvador, Rio de Janeiro e Recife.⁶ Esta motivação coletiva expandida no *espaçotempo* criou um campo de conexão tanto com o movimento da terra, quanto com ritmos variados, muitas vezes lentos e pausados, para além do frenesi contemporâneo (ainda mais exacerbados em tempos de crise) (LEPECKI, 2020). Na alternância ou sobreposição de imagens, entre objetos, ambientes, desenhos e escritas, o corpo atravessava a virtualidade e imergia em ondulações entre o ar, a água, a terra e o fogo.

⁶ Por ordem de aparição: Flaira Ferro, Valéria Vicente, Drica Ayub, Bárbara Santos, Ângela Navarro, Kiran Gorki, Conrado Falbo, Isabela Severi, Isaura Tupiniquim, Elis Costa, Silvinha Góes, Ayleen Vant, Izzah Ribeiro, Vant Vaz, Líria Morais, Aline Bernardi, Luciana Portela, Rafaella Lira, Marcondes Lima, Carolina Laranjeira e Pedro Silveira, Luk's Gomez, Taína Veríssimo, Liana Gesteira, Luna Dias, Tânia Neiva, Ailce Moreira, Alessandra Flores, Thaismary Ribeiro, Mariana Uchôa, Iara Sales, Ewe Lima, Lua Aires, Nirlyn Seijas, Carolina Lobo, Candice Didonet.



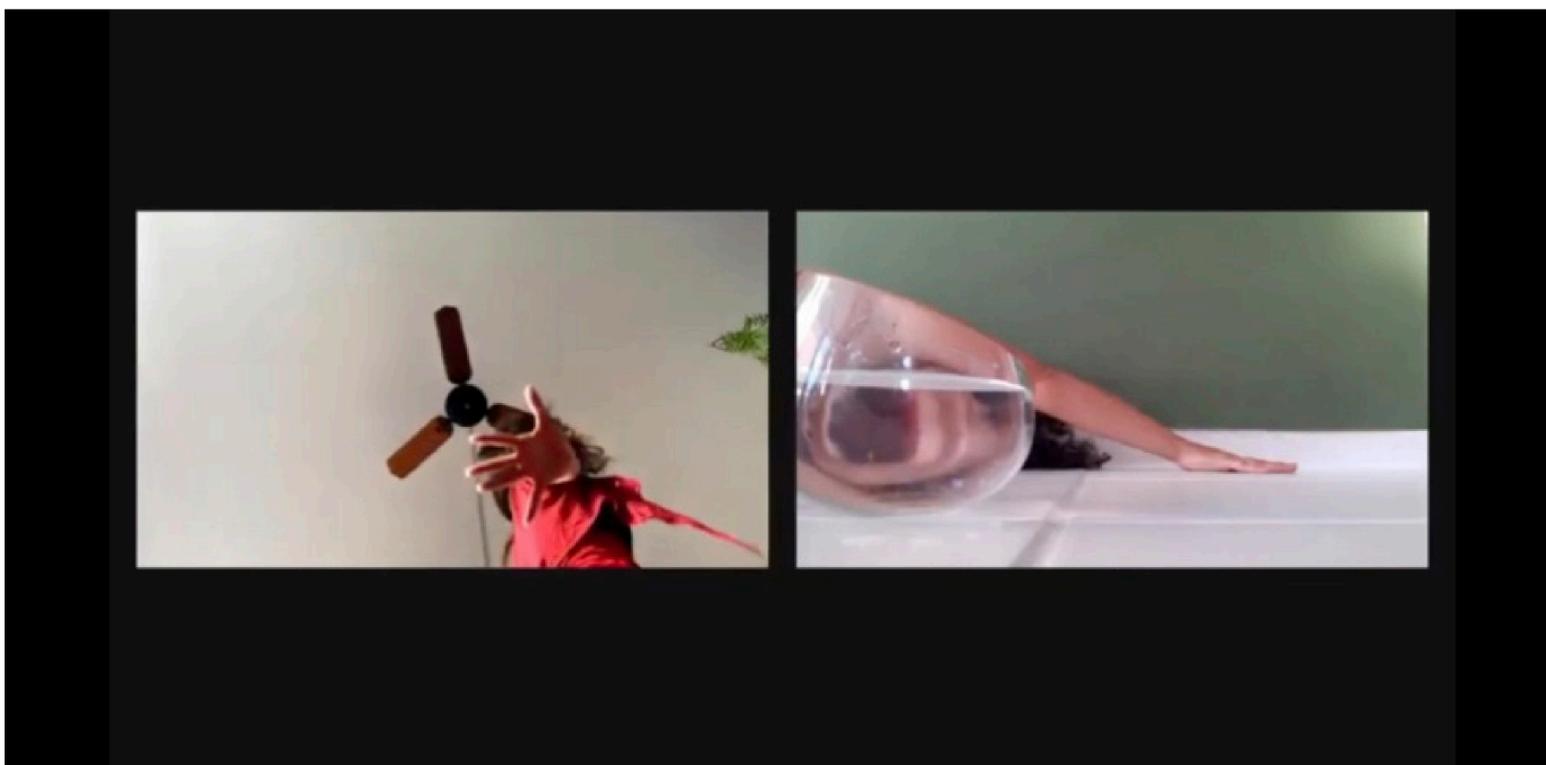


Fig. 01. Flávia Ferro em *Bolha* e Valéria Vicente em *Um segundo por cada vida*, parte de *COVID-A 100 mil segundos de dança pela vida*. 16/08/2020. Videostill.



Fig. 02. Bárbara Santos em *Pesares, um olhar*, parte de *COVID-A 100 mil segundos de dança pela vida*. 16/08/2020. Videostill.



Fig. 03. Líria Morais em *(des)pesando*, parte de *COVID-A 100 mil segundos de dança pela vida*. 17/08/2020. Videostill de Sandra Melo.



Fig. 04. Liana Gesteira em *Desaguando espirais* e Taína Veríssimo em *Saudação aos Sóis*, parte de *COVID-A 100 mil segundos de dança pela vida*. 17/08/2020. Videostill.

Como parte deste planeta, todos os nossos sistemas corporais estão em movimento integrado e contínuo, mesmo que a nível microscópico ou molecular, em troca com esses elementos planetários, mesmo em ambientes fechados. As

próprias qualidades expressivas, conforme sistematizadas por Rudolf Laban (1978), têm afinidades com elementos da natureza, bem como com as faculdades estipuladas por Carl Gustav Jung (1971), e podem ser exploradas e desenvolvidos no trabalho do artista cênico em ambientes fechados e através de aulas virtuais.⁷

Assim, durante a quarentena, artistas do campo expandido e da somática têm buscado aplicar experiências ético-estéticas prévias em modos de compartilhamento virtuais que criam redes de cuidado pessoal e coletivo, através da consciência de que o ambiente está em nosso corpo e em nossa casa, e não apenas no ambiente externo. Inclusive, aspectos aparentemente rotineiros como alimentação, consumo consciente de água e energia elétrica, bem como reciclagem, tornam-se fundamentais no todo do ecossistema. Por exemplo, o (não tão) simples fato de comer carne de gado implica em apoiar o sistema que promove a invasão de terras indígenas para desmatamento e criação de gado – uma das maiores causas de destruição da camada de ozônio, responsável pelo aquecimento global e desequilíbrio terrestre em todos os níveis. Ou seja, não parece muito coerente manter hábitos que apoiam a destruição planetária e defender esteticamente princípios das culturas originárias, entre eles a integração com a natureza.

⁷ Os quatro fatores de movimento associam-se à: fluxo-água-sentimento; espaço-ar-pensamento; peso-terra-sensação; tempo-fogo-intuição (FERNANDES, 2006, p. 139).

Durante a pandemia e fechamento do comércio em geral, por exemplo, a utilização de serviços de microempresas de agricultores de alimentos orgânicos com entrega domiciliar certamente foi de grande valia para a manutenção desta produção, já tão ameaçada pela produção de alimentos industrializados e comercializados em grande escala. Este tipo de compreensão da conexão entre diferentes segmentos da sociedade, bem como da integração entre diferentes funções biológicas (a exemplo da respiração, alimentação, ritmos cotidianos, como atividade e descanso etc.), bem estar, presença, ambiente e criatividade, compõem o arcabouço ecoperformativo entre arte e vida, pessoal e coletivo, senso-percepção e comunicação.

Isto é o que podemos degustar, literalmente, na obra vegana *Cozinha Com(P)artida*,⁸ parte da pesquisa de doutorado no PPGAC/UNIRIO de Bárbara Conceição Santos da Silva, professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba:

Cozinha com(P)artida é uma performance tecida a partir do desejo de compartilhar experiências vividas no preparo e partilha de alimentos. A cozinha como espaço de troca e acolhimento, como lugar de convívio, de afeto, sensações, experimentação, reinvenção e memórias. Ao cozinhar, o quanto de mim é ingrediente? Ao degustar um alimento, o quê como e o quê me devora? Performar os afetos como práticas de cuidado consigo e com o outro.

⁸ A coreógrafa relata que o único elemento animal que não retirou é o camarão seco, devido ao grande vínculo cultural com sua cultura baiana.

Versão delivery

A versão adaptada de Cozinha com(P)artida em plena pandemia é: através de uma chamada nas redes sociais (whatsApp, instagram) eu me ofereço a cozinhar, a partir da escolha pelo participante de um ingrediente principal, (legume, verdura ou cereal) ofertado na semana e entrega-lo em domicílio, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. O participante envia um relato após degustação relacionado à prática do cuidado e dos afetos que esta ação pode mobilizar. Na presença do relato em minha casa, eu, performer, manejo meus estados de corpo a partir das sensações, imagens e afetos mobilizados nessa interação, e danço, enviando ao participante através de um vídeo, momento no qual o programa performativo se encerra. (SILVA, 2020)



Fig. 05. Encomenda de *Cozinha Com(P)artida*, de Bárbara Santos, com relato poético da participante Juliana Cavassin, que também é autora da imagem.

Obras como estas demonstram que muitos artistas não apenas têm se adaptado às limitações pandêmicas, mas enfrentado os desafios como estímulos para criação de modos de resistência e resiliência ainda mais interessantes, extrapolando as limitações impostas e inovando na criação artística integrada à pesquisa em artes cênicas.

Ouso mesmo dizer que esta associação por vezes ainda criticada, mas de fato muito frutífera (como no poema enviado a Bárbara pela cliente/público, entre outras⁹) entre a prática artística e a inovação de metodologias de pesquisa - a exemplo da Prática Artística como Pesquisa (*Artistic Practice as Research*) e da Pesquisa Incorporada (*Embodied Research*) (SCIALOM, no prelo) - se apresenta, neste momento histórico, como uma virada fundamental à criação de conhecimento compartilhado, ecológico e decolonial – termo que recontextualizo aqui como “decoronial”, baseada no “pós-coronial” (REIS, 2020), num intuito de esboçar resistências e opções ao atual momento pandêmico. A Prática Artística como Pesquisa abre outras perspectivas e possibilidades para além dos modelos vigentes. Já a metodologia quantitativa, e por vezes até mesmo a qualitativa, pertence a modelos vigentes usados naqueles contextos de “saúde”, “ciência” e normatividade que têm, de fato, sido manipulados (mesmo que de modo

⁹ Refiro-me aqui à performance em processo *Perlimpli(nada)s*, de Leonardo Sebiane Serrano (2014), coordenador do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão nas Corporeidades Mestiças e(m) Eco-Performance (GIPE-Corpo), do PPGAC/UFBA.

implícito) pela máquina do poder econômico e sua imposição de produtividade (quantitativa) incessante.

Numa busca decoronial, técnicas e abordagens com enfoque no movimento corporal e suas nuances, inclusive ciclos de repouso e pausa dinâmica, são fundamentais. Em confinamento, é preciso não apenas resistir ao congelamento compulsório (tanto por restrição espacial quanto pela irrestrita atmosfera nociva que instaura medo e contração corporal), mas também estimular a expansão da corporeidade, permanente e crescentemente estagnada num “pensamento sentado” (BAITELLO JÚNIOR, 2012) associado à ilusão de fluidez que é, de fato, meramente virtual, e que estimula justamente os dois sentidos de distanciamento e estado de alerta: a visão e a audição.

Esta ênfase na virtualidade nos afasta dos sentidos que exigem mais proximidade ou que estão mais associados à sensação corporal, como o tato, o olfato, a gustação e a propriocepção ou cinestesia, além de promover um tempo acelerado, múltiplo e simultâneo, que fragmenta nossa atenção e percepção. É neste contexto que tornam-se vitais a desaceleração, o foco nas sensações internas, o estímulo de todos os sistemas do corpo, em suas particularidades e interações, bem como à expansão do corpo com/no espaço, mesmo em confinamento. A ativação do corpo como um todo no espaço dinâmico devolve-nos uma multiplicidade de



sabedorias celulares integradas, para além da hegemonia comunicativa da cabeça e da compreensão puramente mental e lógica do mundo, como tendemos a ter diante das telas bidimensionais nas constantes e intermináveis atividades virtuais durante a quarentena.

Assim que se iniciou a quarentena, enquanto algumas pessoas assumiram uma posição sedentária e inativa, outras, por outro lado, entraram num estado bastante tenso, não apenas pela ameaça e medo, mas também por não saberem o que fazer com a energia acumulada no espaço fechado, sendo impedidas de realizar suas atividades corriqueiras nas ruas. Imobilidade logo foi acompanhada de um número crescente de atividades virtuais que começaram a se estruturar, cobrindo esses estados de imobilidade (sedentária ou congelada) de uma hiperatividade compulsiva e compulsória que enfatiza a posição sentada, e o constante fluxo e simultaneidade de imagens visuais e sonoras, numa sobrecarga de trabalho invasivo, uma vez que reuniões, eventos e atualizações constantes acontecem dentro de nossas casas, em meio a nossa vida privada, e utilizando nossos dados de internet. Ou seja, a diluição das fronteiras do corpo, que antes acontecia em espetáculos, performances e no contexto social, contagiando-nos com o calor na transição entre matéria e energia (HANNA, 1976), agora justamente é usada para a invasão e controle da

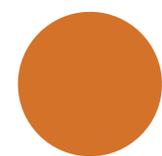


privacidade, num total esfacelamento psicossomático.

Como menciona Norval Baitello Júnior em “A escada que desce para o nada” (2012, pp. 63-64), a respeito de uma palestra de Vilém Flusser:

[E]le fala sobre o homem que usa as três dimensões do espaço para se expressar por meio do gesto, da voz e da presença física. Até o momento em que inventa a imagem e começa a desenhar sobre superfícies. Flusser dá nesse momento um passo atrás e explica que uma das três dimensões do espaço é abstraída, quer dizer, subtraída. ... As imagens vão se simplificando e, ao longo do tempo, se transformam em desenhos estilizados, apenas contornos e traços, linhas, que depois dão origem aos ideogramas ou às letras da escrita alfabética. Perde-se aqui mais uma dimensão do espaço, resta apenas a expressão unidimensional e linear da escrita ... Flusser dá mais um passo atrás no seu palco e esclarece o interessante universo da linha e da linearidade que dá origem ao pensamento lógico. ... Tal pensamento permitiu o desenvolvimento da ciência que inventou aparelhos que já nem precisam mais da linha, mas que operam com números, ou seja, com pontos. Ora, o ponto é a dimensão zero. Portanto, diz Flusser, dando seu último passo para trás e se encostando na lousa ao fundo do palco, “descemos ao fundo da escada da abstração, alcançamos a nulodimensão...” como não podemos ir além nessa direção, temos de voltar às dimensões do espaço, ir reconstruindo paulatinamente as dimensões perdidas. (BAITELLO JÚNIOR, 2012, pp. 63, 64).

Numa participação on-line em uma *live*, em geral falamos mostrando apenas cabeça, pescoço e ombros, às vezes braços e mãos, o único feed-back sensorial que temos



é talvez de algum interlocutor que às vezes permanece na tela, mas em casos de conferências e oficinas, por exemplo, nem isso. Somos deixadas falando sozinhas com uma tela, enquanto às vezes alguém escreve no *chat* público, mas se formos ler, interrompemos a fala da palestra e o foco, e todos percebem que estamos lá e cá, a menos que façamos isso em estado de sintonia multifocada, o que exige bastante treino, mas é um desafio bem interessante. Particularmente, já assisti a uma aula *on-line* de Diego Pizarro¹⁰ sobre a abordagem somática do *Body Mind Centering™* onde ele realizou isso com muita facilidade, mantendo o foco interno, seguindo o fluxo da fala, e lendo mensagens do *chat* sempre que possível, às vezes inclusive respondendo em meio às instruções da vivência, que integravam aspectos teóricos e práticos.

Enquanto performers, nesse contexto virtual de carência de *feedback* sensorial, temos que usar de algum tipo especial de percepção para seguirmos nossa atividade de modo sensível com relação ao público e ao campo instaurado, já que em performance – quer seja numa palestra, oficina ou obra artística – não seguimos um texto ou partitura prévia por completo, mas vamos modificando e adaptando nossas ações de acordo com as respostas e interações no *espaçotempo*. Para tanto, podemos nos

¹⁰ Docente do Curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília (IFB), doutorando do PPGAC/UFBA, educador somático (*teacher*) certificado em *Body-Mind Centering™* e Cadeias Musculares e Articulares GDS. Coordena o grupo de pesquisa e extensão CEDA-SI – Coletivo de Estudos em Dança, Educação Somática e Improvisação.



utilizar de habilidades desenvolvidas em performances em campo expandido, onde muitas vezes nem temos acesso ao que cada pessoa do coletivo está realizando, pois pode estar em algum lugar que ninguém a vê ou percebe. Muitas vezes, em ecoperformances, o performer entra num estado de Imersão Corpo-Ambiente (FERNANDES, 2018, pp. 177-185) tão profundo, que se dissolve entre elementos e materialidades, como, por exemplo, embaixo de uma cachoeira ou entre duas enormes pedras, dificultando ser visto ou mesmo fotografado. Nessa espécie de dança diluída, em sintonia somática com os movimentos e elementos terrestres, descobrimos outros modos de conexão, mais próximos à intuição ou a estados multidimensionais de consciência, através de simultaneidades do campo eletromagnético. Nestes estados expandidos de consciência celular, reencontramos nossa ancestralidade de conexão com a natureza, revertendo aquela “escada que desce para o nada” (BAITELLO JÚNIOR, 2012, p. 63): “Todas as coisas e pessoas são aparições impressionantes – para fora do nada. A força da vida e a ação vêm desta terra natal desconhecida, criando a ‘presença’.” (LABAN, 1984, p. 76)

Esta experiência prévia de íntima sintonia com o meio e seus elementos vem nos habilitando também para atravessar todo tipo de limitação, para além do ambiente

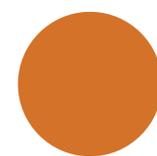


natural, proibido em tempos pandêmicos. É assim que podemos – e devemos – seguir reinventando obras em prol da multidimensionalidade do corpo, da reativação da presença, e de conexões planetárias. E estas não se limitam a uma forma específica de expressão cênica, muito pelo contrário, abrem-se em infinitas possibilidades de formatos e variações.

A obra teatral *Medeia Negra*,¹¹ por exemplo, estreada por Márcia Lima Gomes em 2018, foi adaptada a uma versão on-line em setembro de 2020, comemorando os dois anos de espetáculo na programação [#EmCasaComSesc](#), do Sesc São Paulo.¹² A reencenação aconteceu no apartamento da atriz/criadora, no tradicional bairro do Santo Antônio, em Salvador BA, iniciando numa parte estreita, um canto branco levemente elevado e vazio, sem mobília nem objetos, e com algumas estantes, também vazias, num pequeno beco ao fundo. Neste ambiente estéril, impessoal e neutro, onde supostamente se instalariam commodities da confortável, produtiva e bem informada vida urbana, destaca-se, ao invés disso, o corpo negro em contorções com o longo pano vermelho - como uma placenta e cordão umbilical -, com o qual a atriz se relacionava já na obra em teatro, declamando/reclamando seu lugar para além da objetificação.

¹¹ Concepção, atuação, cenografia e adereços de Márcia Lima; direção de Tânia Farias; assistência de direção de Gordo Neto; dramaturgia de Márcio Marciano e Daniel Arcades; direção musical e piano de Roberto Brito; figurino e visagismo de Rino Carvalho.

¹² Disponível em: <https://youtu.be/ZbaAHwYdY2w>



Como na versão em teatro, a atriz desafia o fogo numa cumbuca de madeira, enquanto segue seu percurso para fora deste espaço confinado e, desta vez, chega ao aconchegante espaço de sua cozinha, com geladeira, fogão, louças e uma bancada alta e estreita. E ali, nos surpreende, acendendo todas as bocas do fogão estranhamente vazio, sobe na bancada e equilibra-se entre luminária, texto e teto, e quebra pratos brancos e limpos um a um, atirando-os contra o chão distante. Este, certamente, não é um corpo confinado constricto que aceita o medo como modo de controle. Como ela mesma regurgita em sua interpretação voraz aproximando o rosto em close da câmera também em movimento: “O regime do medo!”.

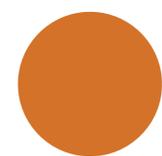
Esta Medeia está literalmente acima das rotinas que ainda hoje escravizam muitas de nós, especialmente em tempos de pandemia, com o aumento alarmante de taxas de violência doméstica contra as mulheres, como se esses índices e os de feminicídio já não fossem assustadores antes mesmo da quarentena.¹³ Afinal, a criação e manutenção da vida, o cuidado da casa, da alimentação, dos menores e idosos, não seria uma obrigação ética de todos? (PELBART, 2020, p. 14) E segue repetindo exaustivamente em diferentes locais da casa: “Violência, estupro e morte”. A repetição

¹³ Sobre esta temática, recomenda-se assistir e acompanhar, por exemplo, a *websérie* da equipe gaúcha (direção e produção Deborah Finocchiaro e Luiz Alberto Cassol, a advogada Gabriela Ribeiro de Souza e várias atrizes, inclusive a pesquisadora, coreógrafa e dançarina Cibele Sastre/UFRGS) desenvolvida durante a quarentena, *Confessionário - Relatos de Casa*, obra de ficção baseada em relato de mulheres que sofreram violência doméstica e de gênero.

atualiza e perpetua essas ações e seu delato, que cada vez soam mais assustadoramente atuais para todos nós, em cena e fora dela – e justamente neste atravessamento do Simbólico ao Real (LACAN, 1979).

Em *Exhausting Dance* (LEPECKI, 2006), André Lepecki comenta sobre o impacto do engatinhar do artista negro William Pope na obra *Tompkins Square Crawl (a.k.a. How Much is that Nigger in the Window)* (*Engatinhar da Praça Tompkins ou Quanto aquele negro está na janela*). Para Lepecki, este engatinhar “não é um ato de submissão, mas um esforço coreopolítico que transcende a condenação à ordem simbólica por resolutamente mover-se para o chão tremulante do ser” (LEPECKI, 2006, p. 105). Ao contrário, em *Medeia*, é a elevação do corpo no espaço que recupera a força feminina e impõe seu poder coreopolítico, atravessando a imposição do Simbólico da Casa do Pai (a linguagem, em oposição à espontaneidade crua do feminino).

E esta rebelião não recusa a fala, mas ao contrário, precisa dela para atravessar o dominador e seu reino, usando para isto também todos os elementos disponíveis e possíveis. Segue cantando e revirando mundos entre corredores e janelas estreitas, ou numa pequena sala (preenchida por um músico misterioso com máscara profilática), através das quais sua presença e sonoridade certamente extrapolam a virtualidade da tela e contagiam o público, que comenta encantado no *chat* ao vivo.



Seu forte instinto de sobrevivência é acompanhado de uma irreverência ímpar e uma habilidade em adaptar-se, metamorfosear-se, a partir de uma conexão vital com as forças do planeta, a exemplo do fogo da cena inicial em duas cumbucas e depois no fogão da cozinha, o santuário com oferendas a diferentes elementos da natureza e orixás, e da água (adaptada para a chuva casual que decidiu cair bem no horário da apresentação, em sua varanda, onde ela canta sob um guarda-chuva vermelho). Nada ali é *fake*. Tudo corrobora para a explosão sígnica que nos remete de volta à origem das sensações mais incorporadas e viscerais. E na cena final, já na estreia em 2018, Medeia não morre, mas sugere a virada de atitude das mulheres vitimizadas. É o grito de “não” à imposição da doença (em todos os seus desdobramentos, causas, contextos e sentidos) já há muito tempo calcada em nossas entranhas pelo imperialismo dominador, destruidor e estéril.

Criada ao longo de aulas ministradas pela atriz a/com mulheres em situação de encarceramento em Salvador BA,¹⁴ a obra hoje se atualiza cada vez mais, com o estado de confinamento e medo instalados como modo de (sobre)viver de todos. A obra foi parte da pesquisa de mestrado de Márcia Lima Gomes no PPGAC/UFBA (GOMES, 2020), e comprova o papel fundamental da prática

¹⁴ As aulas foram ministradas nas oficinas de literatura e performance do grupo *Corpos Indóceis e Mentis Livres*, sob coordenação da Profa. Dra. Denise Carrascosa, da Universidade Federal da Bahia.

artística nas pesquisas acadêmicas. Seu processo criativo e apresentações, em adaptações sempre desafiadoras a diferentes locais, fundamentaram suas reflexões teóricas, e este entrelaçamento segue numa construção ético-estética que conecta arte e vida, ensino, criação e reflexão, dentro e fora da universidade.



Figs. 06 e 07. Márcia Lima Gomes em Medeia Negra, #EmCasaComSesc, 2020. Videostill.

Esta irreverência ainda mais necessária nos dias de hoje, atravessando a virtualidade, também foi compartilhada na

banca de defesa remota de doutorado de Leonardo Augusto Paulino no PPGAC/UFBA,¹⁵ sob minha orientação, onde a banca, composta por Alba Pedreira Vieira (UFV), Carlos Alberto Ferreira da Silva (UFAC), Leonardo José Sebiane Serrano (UFBA) e Paula Alice Baptista Borges (UFRB), aceitou o desafio performativo do doutorando, que enviou objetos de maquiagem e figurino *drag* por correio como parte do material de defesa. Organizada em formato de programa de rádio “cuier” (PAULINO, 2020), o doutorando foi comentando sua pesquisa ao longo de várias ações como a “ecodrag” Leona do Pau, a exemplo de dublagens e jogos interativos. A banca, por sua vez, realizou também diversas performances durante seus pareceres, mesclando comentários, transfigurações, dicas levemente eróticas, canto e dublagem, entre outras.



Fig. 08. Paula Alice Borges (à esquerda), Leona do Pau (à direita), e a autora (abaixo). Defesa de doutorado remota de Leonardo Augusto Paulino, PPGAC/UFBA, 19/08/2020. Videostill.

¹⁵ Disponível em: <https://youtu.be/8a04sdrIWCE>

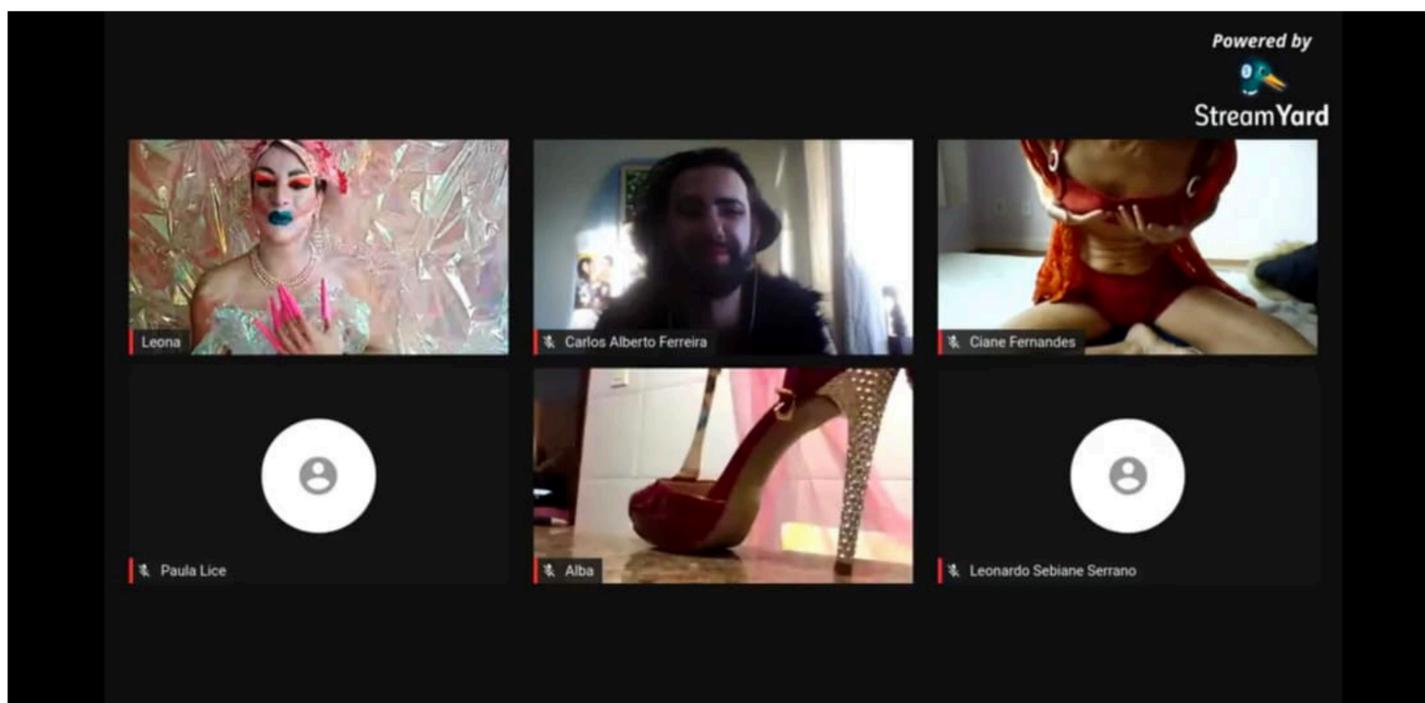


Fig. 09. Leona do Pau (à esquerda), Carlos Alberto Ferreira (no centro acima), a autora (à direita), Alba Vieira (centro abaixo). Defesa de doutorado remota de Leonardo Augusto Paulino, PPGAC/UFBA, 19/08/2020. Videostill.

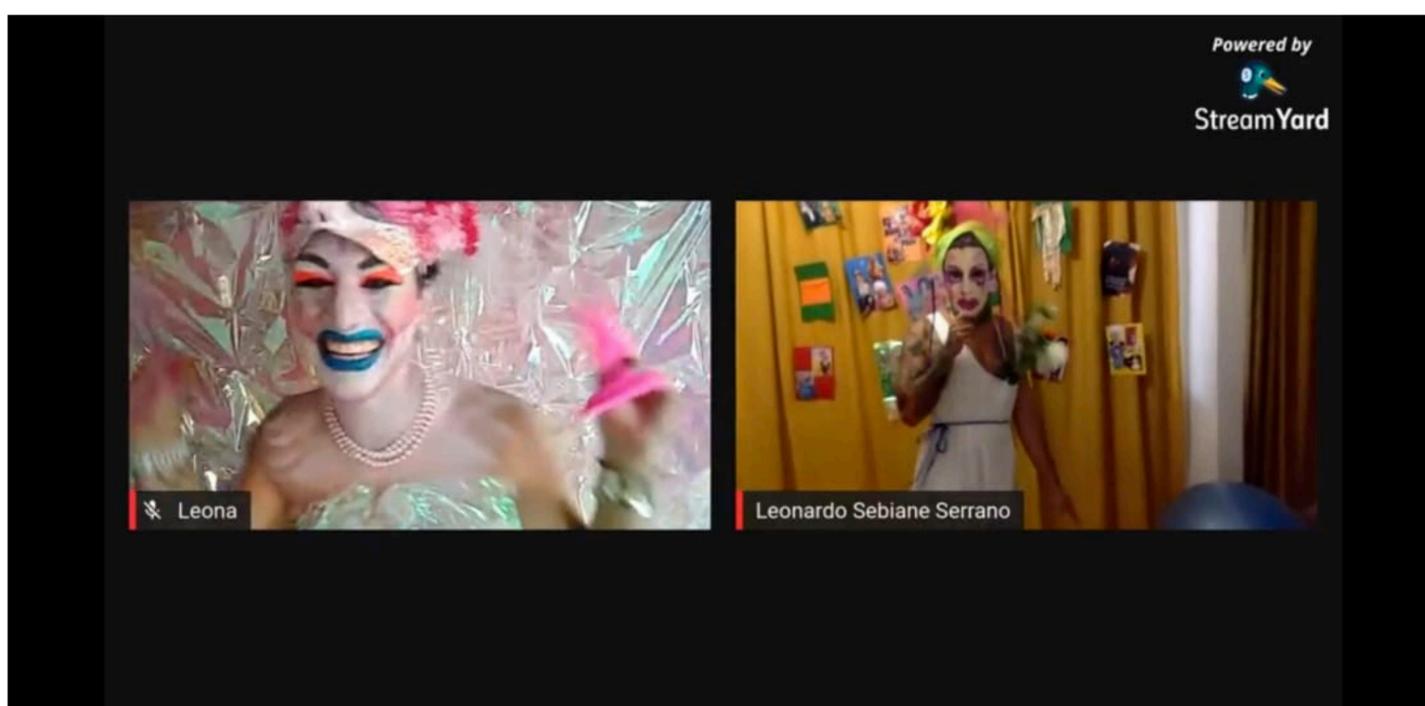
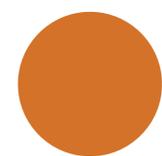


Fig. 10. Leona do Pau (à esquerda) e Leonardo Sebiane (à direita). Defesa de doutorado remota de Leonardo Augusto Paulino, PPGAC/UFBA, 19/08/2020. Videostill.

Cabe ressaltar também inúmeras iniciativas de coletivos da/na academia durante a quarentena, como modos de resistência e sintonia ético-estética entre pares, através de ambientes virtuais que extrapolam tal limitação. O

próprio Seminário Permanente ABRACE ON_Line de 2020 tem sido de grande relevância, com mesas que dão visibilidade à diversidade e aos afetos, valorizando os múltiplos saberes e seus arcabouços integrados de cultura-cura-convivência. Já um exemplo específico em dança é o projeto de extensão “Políticas para a Dança e os impactos da pandemia: perspectivas latino-americanas”, do Grupo de Pesquisa PROCEDA - Políticas, Processos Corporeográficos e Educacionais em Dança (PPGDança - UFBA), sob coordenação de Lúcia Helena Alfredi de Matos, com quatorze webnários com professores/dançarinos/coreógrafos de várias localidades do Brasil e da América Latina, entre setembro e novembro de 2020.

Como artistas do campo expandido, seguimos multiplicando facetas criativas de pertencimento e fortalecendo sintonias coletivas de apoio e estímulo mútuos. Cabe às artes – em especial, às artes da presença – corporificar os processos de pesquisa (ainda mais num momento pandêmico de virtualização compulsória generalizada), reconquistando os direitos retirados do corpo através dos métodos científicos dualistas e hegemônicos de comprovação da “verdade”. Mais do que nunca, é preciso enfatizar a prática criativa em todos os níveis, em transições híbridas entre matéria e energia através dos diferentes níveis, campos e universos. É na pesquisa com e a partir das artes da presença que



continuaremos afirmando e multiplicando a criação de subjetividades multidimensionais sensíveis que valorizam a corporeidade sensorial e as relações afetivas neste atravessamento intersticial de fronteiras.

Agradecimentos: Artistas/pesquisadoras mencionadas; Denise Mancebo Zenicola, palestrantes e público da Mesa “Artes na Rua, no Circo e Performance em tempos de Crise Pandêmica e Política” (Seminário Permanente ABRACE ON_ Line, 21/08/2020), cujas apresentações, debates, perguntas e comentários instigaram algumas das reflexões deste texto.

__REFERÊNCIAS

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **O Pensamento sentado: Sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.

BALDIOTI, Fernanda. A cidade onde nevava amianto. **Projeto Colabora**, ODS 3. 01/08/2018. Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods3/a-cidade-onde-nevava-amianto/>. Acessado em agosto de 2020.



BERARDI, Franco “Bifo”. Cronica de la psicodéflection. In: **Sopa de Wuhan. Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020, pp. 35-54.

DOUD, Elizabeth. **A Fábrica de Lágrimas de Sereia: Laboratório de eco-performance**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas / Universidade Federal da Bahia, 244 pgs, 2018.

FERNANDES, Ciane. **Dança cristal: Da Arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa**. Salvador: EDUFBA, 2018.

_____. **O Corpo em movimento: O Sistema Laban/ Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas**. São Paulo: Annablume, 2006.

FISCHER-LICHTE, Erika. Dissolução de fronteiras do corpo. Sobre a relação entre estética do efeito e teoria corporal. **Cadernos do GIPE-CIT**, Ano 13, N.24, 2010, p. 111-130. Tradução Marianne Kolb.

GOMES, Márcia. **Medeia Negra: O enegrecimento de uma personagem clássica a partir da vivência com mulheres em situação de encarceramento na criação de um solo de teatro**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas / Universidade Federal da



Bahia, 2020.

GØTZSCHE, Peter C. **Medicamentos mortais e crime organizado: Como a indústria farmacêutica corrompeu a assistência médica.** Porto Alegre: Bookman, 2016. Tradução: Ananyr Porto Fajardo.

GOULD, Stephen Jay. O ano 2000 e as escalas do tempo. In: **Entrevistas sobre o fim dos tempos.** Jean-Claude Carrière, Jean Delumeau, Umberto Eco e Stephen Jay Gould; realizadas por C. David, Frédéric Lenoir e Jean-Philippe de Tonnac. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 13-54. Tradução de José Laurenio de Melo.

GREINER, Christine. **O Corpo em crise: Novas pistas e o curto-circuito das representações.** São Paulo: Annablume, 2010.

HANNA, Thomas. The field of somatics. **Somatics**, Vol. I, N.1 (Autumn 1976), pp. 30-34.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos.** Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

LABAN, Rudolf. **A vision of dynamic space.** Londres: Laban Archives and Falmer Press, 1984.

_____. **O domínio do movimento.** São Paulo: Summus, 1978.



LACAN, Jacques. **O seminário livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. Tradução M. D. Magno.

LEPECKI, André. **Exhausting dance. Performance and the politics of movement**. New York: Routledge, 2006.

_____. Movimento na pausa. **N-1 edições**, seção textos, 114, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>. Acessado em agosto de 2020.

MORAES, Vinicius de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.

PAULINO, Leonardo Augusto. **O que pode uma ecodrag? Processos criativos “cuier”, potências de vida e poéticas ecobiográficas**. 364pgs. Tese de doutorado. PPGAC/UFBA. 2020.

PELBART, Peter Pál. Espectros da catástrofe. **N-1 edições**, seção textos, 134, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>. Acessado em agosto de 2020.

PEREIRA, Dulce Maria. **Perdas ecossistêmicas: Barra Longa atingida pela ruptura da Barragem de Fundação da Samarco/VALE/BHP BILLITON**. Ouro Preto: Gráfica da Universidade Federal de Ouro Preto, 2020, 2 v.

REIS, Diego. Pensamentos pós-coloniais. **N-1 edições**, seção



textos, 120, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/textos-1>. Acessado em agosto de 2020.

ROOT, Deborah. Paisagem sagrada/Sonhos coloniais. **The abject, America**. New York, Lusitania, Vol. I, N.4, 1993, pp. 25-32.

SCIALOM, Melina. A prática-como-pesquisa nas artes da cena: discutindo o conceito, metodologias e aplicações. In: **Performance, somática e novas mídias**. Ciane Fernandes, Ivani Santana, Leonardo Sebiane (orgs.). Salvador, EDUFBA, no prelo.

SERRANO, Leonardo Jose Sebiane. O dia que virei o cão chupando manga: Trilhas de (inter)ações e encruzilhadas (trans)culturais na performance. In: **Poéticas da criação. Anais do Seminário Ibero-Americano sobre o Processo de Criação nas Artes**. Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, dezembro de 2014, pp. 100-104. Disponível em: <https://www.4shared.com/web/preview/pdf/LC55WsLUei?>. Acessado em agosto de 2020.

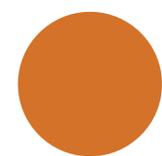
SILVA, Bárbara Conceição Santos. **Cozinha Com(P)artida**. Release. 2020.

STEFFEN, Will; ROCKSTRÖM, Johan; RICHARDSON, Katherine; LENTON, Timothy M.; FOLKE, Carl; LIVERMAN, Diana;



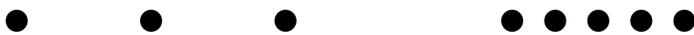
SUMMERHAYES, Colin P.; BARNOSKY, Anthony D.; CORNELL, Sarah E.; CRUCIFIX, Michel; DONGES, Jonathan F.; FETZER, Ingo; LADE, Steven J.; SCHEFFER, Marten; WINKELMANN, Ricarda; SCHELLNHUBER, Hans Joachim. Trajectories of the Earth System in the Anthropocene. In: **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, August 2018. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/115/33/8252>. Acessado em setembro de 2020.

WURTZEL, Daniel. **Fluxos**. Escultura cinética. Museu do Amanhã. Rio de Janeiro, 2015.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

